A Luz no Túnel

Simon Schwartzman

Publicado no Jornal da Tarde, 1 de março de 1994

A candidatura de Fernando Henrique Cardoso à Presidência da República é a primeira luz no tunel do pantanal político e econômico em que se transformou o Brazil nesta década infeliz. Fernando Henrique deve deixar o ministério para assumir a candidatura, e tem tudo para ganhar as eleições e liderar a transição brasileira para um futuro com melhores perspectivas.

Fernando Henrique deve deixar o Ministério pela simples razão de que o problema da inflação brasileira é uma questão essencialmente política, já que nem o melhor dos planos econômicos resistiria a um presidente populista e sem compromissos com o reordenamento econômico do país. O grande mérito da equipe econômica tem sido o de definir a agenda de reformas necessárias para os próximos anos, que vai muito além de um equilíbrio forçado do orçamento e de uma troca de moedas. Para que a economia volte a funcionar e o Estado se viabilize, existem decisões importantes a serem feitas, da reformulação da Previdência ao controle do clientelismo político, da reforma do executivo e do judiciário à implantação de políticas sociais e educacionais viáveis e de efeito duradouro, de uma política social de rendas ao fim dos subsídios aos ganhos financeiros do capital especulativo. Se não houver uma liderança política capaz de promover uma agenda deste tipo, este plano econômico fracassará como todos os anteriores, a um custo cada vez maior para toda a sociedade.

O problema com esta agenda é que ela contraria um grande número de interesses criados, em nome do interesse comum sobre o qual há grande descrença. É aquilo que em teoria dos jogos se chama de "dilema do prisioneiro": como todos desconfiam uns dos outros, cada um se protege como pode, e não se consegue uma ação comum que possa beneficiar a todos. Como ganhar as eleições contrariando interesses, e sem prometer mundos e fundos?

Existem dois tipos de políticos que poderiam se opor com alguma eficácia à candidatura de Fernando Henrique, o demagogo populista e o clientelista. Jânio Quadros, de um lado, e Orestes Quércia, de outro, já dificultaram a vida política de FHC mais de uma vez. Mas, depois de Collor, e com o esvaziamento de Brizola, o velho populismo parece sem muito fôlego; e o esgotamento das burras do tesouro, mais a desmoralização trazida pelas denúncias sucessivas de corrupção e enriquecimento inexplicável, colocam limites ao clientelismo possível. Lula, candidato ideológico mais do que populista, não consegue ir além de seus 25% das preferências,

e possivelmente recuará ainda mais, pela incapacidade de propor alternativas políticas que transcendam os interesses e ideologias de suas bases.

A candidatura de Fernando Henrique será a candidatura do Brasil moderno, e tenderá a ganhar o apoio crescente da população, que já percebe com clareza o fracasso do populismo e clientelismo tradicionais. Em uma eleição de dois turnos, e salvo algum acidente de percurso, a chance de Fernando Henrique chegar ao segundo turno é muito grande, e ele será totalmente imbatível no turno final. Depois, com um governo legítimo e competente, o país poderá começar a respirar novamente, e procurar seus caminhos, que não serão fáceis. Será sonhar demais?